ECONOMIA EM DEZEMBRO DE 2022

FORMAÇÃO DE MINISTÉRIOS NO BRASIL E CONCRETIZAÇÃO DE JURO ELEVADO NO MUNDO

Em dezembro de 2022, os investidores brasileiros ficaram apreensivos com as primeiras sinalizações de Lula para a economia nos próximos anos, como a indicação de Fernando Haddad, um nome político para o recriado Ministério da Fazenda, as constantes críticas ao Teto de Gastos e a intenção de suspender as privatizações e outras medidas importantes para a economia. Não podemos dizer que o mercado foi pego totalmente de surpresa, algum movimento nesta linha já era esperado, todavia, o sentimento do mercado financeiro foi que aconteceu tudo ao mesmo tempo, preocupando o que pode vir ao longo dos próximos anos.

Repetidamente comentamos que o ponto mais sensível aos investidores é a política fiscal, ou seja, como o Governo Federal administrará os gastos públicos. Indicações políticas para ministérios que necessitam de nomes mais técnicos, e, falas contra corte de gastos, contra privatizações e a favor de aumentar o papel do Estado via mais gastos na economia é lido pelo mercado como irresponsabilidade fiscal. No final, dado a situação vulnerável das nossas contas públicas, mais gastos significa de imediato mais inflação, taxas de juros mais elevadas e menos crescimento, gerando um círculo vicioso difícil de superar.

Os ativos brasileiros apresentaram alta volatilidade, com os investidores revisando suas posições para ativos mais conservadores. Por um lado, faz sentido dado o nível elevadíssimo da taxa SELIC, por outro, estes estresses no mercado criam janelas de oportunidades para investimentos mais arriscados e com maior retorno quando olhamos o longo prazo.

Nos EUA, o Federal Reserve (Fed), banco central americano, acabou com a esperança dos investidores ao concretizar que a taxa básica de juro irá ultrapassar o nível de 5,00% em 2023, permanecendo neste patamar tempo suficiente para causar uma forte desaceleração no crescimento americano, e, consequentemente, controlar a inflação, principal objetivo do Fed.

Os ativos financeiros reagiram muito mal ao comunicado do Fed, com as principais bolsas mundo afora fechando o ano em forte queda, a pior desde 2008, ano da crise financeira nos EUA.

O surto de casos de COVID-19 na China também preocupou os investidores, levantando dúvidas sobre o crescimento chinês nos próximos anos, dado a disparada de casos e as possíveis consequências na atividade do país e do mundo, dado que a China é a maior exportadora do mundo e a segunda maior importadora, somente atrás de EUA.

ÍNDICES	MÊS	ANO
CDI (ATIVO LIVRE DE RISCO)	1,12%	12,37%
TÍTULOS PÚBLICOS PÓS-FIXADOS (TESOURO SELIC OU LFT)	1,11%	12,74%
TÍTULOS PÚBLICOS INDEXADOS À INFLAÇÃO (TESOURO IPCA OU NTN-B)	-0,19%	6,37%
TÍTULOS PÚBLICOS PREFIXADOS (TESOURO PREFIXADO OU NTN-F E LTN)	1,48%	8,82%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	-2,45%	4,69%
MSCI WORLD (AÇÕES GLOBAIS)	-4,34%	-19,46%
NASDAQ (AÇÕES EUA COM FOCO EM TECNOLOGIA)	-8,73%	-33,10%
S&P 500 (AÇÕES EUA)	-5,90%	-19,44%
DÓLAR	-1,44%	-6,50%